



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

A terra fangueira sempre se singularizou pelo airocidade do seu casario. Nela se distinguem três grupos de habitações bem diferenciadas:

Havia os velhos alpendres, reminiscências de uma classe piscatória já quase desaparecida, ali para os lados da Areosa e do Ramalhão. É certo que os velhos edifícios sofreram o camartelo da modernidade mas as novas casas não destoam do particularismo fangueiro.

Existiam e existem ainda as casas dos «brasileiros», género Campos Morais, Pinto de Campos, a de azulejos verdes frente à farmácia, e ainda uma série delas nas quais integramos as da Avenida Dr. Manoel Paes e as da R. Azevedo Coutinho. Corrorespondem a uma época áurea de Fão, do tempo dos antigos jazigos do cemitério, dos capitães de navios, dos homens que emigraram e voltavam com o seu pé de meia.

UM PEDIDO À EX.MA JUNTA

O terceiro grupo era constituído por casas simples, indiferenciadas, com os quartos à antiga, isto é virados para dentro. As suas fachadas não agrediam, porém, a geografia local. Harmonizava-se com o meio ambiente. Harmonizavam-se e harmonizam-se.

Resta falar nas moradias surgidas sobretudo no Ramalhão. Com uma arquitectura e uma funcionalidade actualizadas, constituem uma nota de coetaneidade no urbanismo fangueiro.

Como damos a entender, estes três ou quatro estilos, a que nos vimos referindo, como que se integram na tal paisagem que individualiza a terra fangueira.

Estavam as coisas postas neste pé quando, lá para os lados do mar, surgiu o primeiro *mastodonte*, no términus da Avenida António Veiga, a nascente do hotel Ofir. Era a primeira construção em propriedade horizontal e era a única. Algumas vozes se levantaram contra, mas o imóvel acabou por ser construído. E não é de todo irrecorrendável. Falta-lhe leveza, mas o seu agrupamento em socalcos credita-lhe uma certa aceitabilidade. Depois surgiu o *Matadouro* e, encostada às Rodas, a tal Caixa Quadrada que, além de denunciar a voracidade da firma construtora, põe a nu o fácil assentimento do arquitecto desenhista que se limitou a cumprir a voz do dono sem o elucidar que aquela área merecia um tratamento especial. Visitámos Nice

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

António Correa d'Oliveira é um dos raros númens literários que habitam nos céus de Esposende. Foi e é um dos cumes da poesia portuguesa mas a sua mortalha jaz em capela de família, aqui no concelho. É, por isso, também um pouco nosso. A casa que habitou até morrer, em Belinho, o célebre Solar de Belinho, misto de éden territorial e de tebaida, é um dos locais «sagrados» do norte, e constitui referência obrigatória dos guias turísticos concelhios.

Nada mudou naquela casa. O poeta partiu mas a sua memória permanece religiosamente guardada: no oratório que consubstancializa a crença da família; nos livros que Correa d'Oliveira exaustivamente percorreu; nos álbuns fotográficos; nos quadros pintados que expressam a admiração e o respeito dos artistas do tempo; nas decorações, nos pergaminhos, nos objectos de uso pessoal.

Já lá não está a que foi secretária, conselheira, administradora, o anjo da guarda do poeta: sua esposa D. Maria Adelaide. Tão pouco permanece sua cunhada, D. Maria Cândida que lhe prestava amizade e veneração totais. A casa não está deserta, porém. Nela habita o casal Maria Teresa e António Correa d'Oliveira (Tonão para os íntimos). Ambos perpetuam a tradicional fidalguia da Casa de Belinho. São as sentinelas de zelo da memória do poeta e gentilmente franqueiam os portões da casa a quem pretende visitar Correa d'Oliveira.

Foi o que fizemos um dia destes, cicronados pela actual locatária da Casa de Belinho.

O N.F. — Como vê o poeta Correa d'Oliveira enquanto pessoa?

M.T. — Era alguém com uma personalidade verdadeiramente invulgar, extraordinária, absolutamente fora de série. Um português apaixonado, dotado dum alma cujo sentido religioso tocava o misticismo. Impregnado dum crença profundíssima e bem enraizada, era um modelo de vida exemplar.

O N.F. — Ele era mais religioso do que católico ou mais católico do que religioso?

M.T. — Olhe, eu não sei fazer a distinção. O que lhe posso dizer é que era dum coerência invulgar. Acreditava profundamente em Deus, submetendo-se às leis da sua Igreja e agia de acordo com a sua fé que praticava



António Corrêa d'Oliveira

tanto no aspecto religioso como na vida cotidiana. Isto é, tinha uma estrutura de vida indissolúvel e harmoniosa. Considero como síntese perfeita da sua personalidade a dedicatória escrita pelo Cardeal Cerejeira na fotografia que lhe ofereceu: «A António Corrêa d'Oliveira, poeta da Pátria e da Fé».

O N.F. — Desde quando Corrêa d'Oliveira passou a morar em Belinho?

M.T. — A partir de 1912, data do seu casamento. Casou e veio para aqui morar. Esta casa pertencia à família Cunha Sottomayor, portanto a minha sogra e a sua irmã Maria Cândida.

O N.F. — Sei que andou no seminário.

M.T. — De facto. Mais tarde saiu por verificar não ter vocação.

O N.F. — Curioso que não tenha tido vocação uma pessoa que se revelou mais tarde tão religiosa e tão mística.

M.T. — Não é para estranhar. Pode ser-se uma alma de Deus até tocada por um certo misticismo, sendo leiga. Um bom sacerdote por muito bom que seja não tem que necessariamente ser um místico. O sacerdócio é um chamamento feito por Deus segundo os seus desígnios. O espírito sopra onde e quando quer! Conheço um sacerdote de grande craveira intelectual e escrita que nasceu numa família perfeitamente atea e chegou mesmo a ser baptizado às escondidas por uma pessoa de família.

(Continua na pág. 2)

C. F. DE FÃO

SUBIU À 1.ª DIVISÃO DA A. F. DE BRAGA

EDITORIAL

(Cont. da pág. 1)

e Málaga e notámos que belos efeitos se podem conseguir com cimento armado...

Resta-nos falar outra vez no *Comboio* da Alameda e no *Monstro* que está a ser levantado mesmo em frente às Escolas Amorim Campos e que escandalosamente se estende até à face da estrada. Simplesmente rudimentares, enestético, aquilo representa o paleolítico do cimento armado. Tais construções descaracterizam a vila fangueira. conferem-lhe musculosidade e roubam-lhe leveza.

Dá um pedido à Ex.ma Junta: não se poderão anular estas construções, pelo menos as duas últimas, do mesmo modo que se procedeu para com a construção do mercado?

Jovem Professora morta

Rosa Maria Neto, divorciada, de 26 anos, natural da Gafanha da Nazaré e a residir em Fão, professora eventual da Escola Secundária de Esposende, foi encontrada morta dentro do seu automóvel.

Deixou uma carta aos pais e pelo seu conteúdo tudo leva a crer que tenha posto fim à vida, com monóxido de carbono produzido pelo próprio veículo.

ABEL DA COSTA

No encontro anual de antigos dirigentes e árbitros de futebol, realizado pela 3.ª vez consecutiva, foram distinguidas duas figuras gradas da arbitragem nacional, os antigos árbitros Abel da Costa e Clemente Henriques.

Ao nosso contrerrâneo *honoris causa* os nossos parabéns.

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

(ATRASADO NA REDACÇÃO)

Chegou a primavera e com ela toda a côrte de Sol, flores, esperanças e projectos.

Começa-se a delinear as férias e como é natural a escolha do local.

Fão, como todos sabem é um lugar de privilégio para tal fim.

É neste mês que começa a procura de casas, para a época balnear, o que não é tarefa fácil. As casas não são muitas e é urgente, de facto, uma residencial. Para uma pessoa só ou um casal sem filhos é muito mais cómodo o alojamento numa residencial do que uma casa com todos os seus problemas. Sei que há projectos nesse sentido e será bom que no verão haja realidades.

Não podemos perder mais tempo para fazer renascer a vida e a animação na nossa vila.

Tenho repetido este assunto nas páginas deste jornal mas lá diz o ditado: água mole em terra dura, tanto dá até que fura.

Fão é uma terra pacata, aprazível e bonita. Convidativa portanto, para o repouso e para o reforço das energias despendidas durante o ano. São hoje dotes raros, pois verifica-se, nos centros turísticos uma movimentação barulhenta, poluída, incaracterística.

Aqui, é um cantinho aonde se encontram lugares como o Marachão, pouco visitado, o alto de S. Lourenço e outros lugares que deveriam ser incluídos nos programas de verão.

O rio é um manancial de vida e de deleite. Deveria ser mais aproveitado. O cais poderia ter um ou dois barcos de recreio para alugar e dar oportunidade a quem quisesse co-

nhecer melhor o rio e toda a beleza das suas margens. Tenho a certeza que muita gente se sentiria tentado se tivesse à mão um transporte para tal fim, quebrando assim o velho hábito de contemplá-lo, apenas.

Temos que semear para colher. Bem sei que um barco não é barato, mas hoje o reaparelhamento de novos estaleiros dá a possibilidade de se fazer uma escolha acertada e talvez mais económica.

Temos que explorar todos os filões que estão ao nosso alcance e repensar todas as hipóteses e não deixar que outros nos ultrapassem. Temos ainda a arqueologia. Fão tem também uma pequena área nesse campo.

Abril é também o mês da páscoa, relembrando uma data muito importante para a cristandade.

Há uma grande azáfama no alindamento das casas, pois aqui no Norte ainda se efectua a visita pascal. Nas grandes cidades essa prática vai desaparecendo; no entanto o que deve ficar é a pausa para a meditação e para um rigoroso balanço da vida de cada um e como tal um verdadeiro cristão deve analisar-se e não cometer os mesmos erros todos os anos.

A Páscoa representa a Ressurreição de Cristo com todas as suas Promessas. O ser humano é feito de forças e fraquezas. Muitas vezes é herói, outras é cobarde. Enfrenta inesperadamente o perigo nas horas decisivas e acobarda-se perante as decisões que tem de tomar no dia-a-dia.

É tudo isto que o faz viver e lutar.

SULCOS ETERNOS

I

*Há sulcos no mar imenso
Rasgados pelos navios
Há sulcos pelas vertentes
Que são riscadas p'los rios!...*

II

*Há sulcos na terra mãe
Abertos pelos arados.
Há sulcos no céu azul
Que são p'las asas traçados.*

III

*Há sulcos na minha face
Pelo meu pranto, vincados
Há sulcos na minha vida
Que foram por ti marcados!...*

IV

*Na guerra há sulcos mais fundos
Cavados pelos soldados
Mas os sulcos mais profundos
São dos tristes isolados.*

V

*Os do mat logo se fecham
Os da terra são cobertos
Meu pranto, o tempo secou...
Os do céu ficam desertos
Mas os que ficam abertos
São os que a solidão deixou!...*

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

APRESENTA AOS SEUS CLIENTES EM «EXCLUSIVO»

AS COLECÇÕES/90--ARMAÇÕES E ÓCULOS SOL

DA CONCEITUADA MARCA



«O REQUINTE EUROPEU»

Rua da Misericórdia, 6-12 -- Telef. 75777

«BREVEMENTE»

C.C. Granjinhos, Loja 518 -- Piso 2 -- Telef. 612933

4700 BRAGA

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

À TARDE JUNTO AO CÁVADO

O rumo era outro. A excursão tinha outro destino. Ao passar, porém, em Fão, alguém alvitrou uma paragem para tomar um café. Assim se fez. Num recanto acolhedor de Ofir viveram-se momentos raramente aprazíveis.

Cá fora, à volta de mesas rústicas, oferecia-se um cenário de sonho: o rio deslizava, sereno; a ramaria das árvores agitava-se mansamente, ao sabor de leve aragem; ao longe, as vaquinhas pastavam, sossegadas, a erva tenra e fresca, pondo uma nota bucólica na paisagem.

A pedido de alguém que já lhe conhecia os talentos, o dono da casa, o Sérgio — um artista autêntico — cantou

melodias com música e letra da sua autoria, acompanhando-se à viola.

Havia uma harmonia perfeita entre a voz que se elevava, dolente e bem timbrada, na tarde calma e a magia envolvente da paisagem. Tudo era beleza e paz, tal como se estivéssemos num outro mundo, onde a violência, o ódio, a maldade, as catástrofes não pudessem chegar.

Mas era preciso seguir. Quebrou-se o encanto e retomou-se a viagem. A tarde findava. Anoitecia devagar. Por fim, chegou-se à estância turística, objectivo da excursão.

Num ambiente artificialmente típico, vozes fortes, por vezes estridentes

cantavam ao microfone, álares e vivas, acompanhadas por instrumentos ruidosos. O vinho corria. As pessoas afadigavam-se em volta das «viandas». A música era contagiante, a animação geral. A verdadeira alegria, íntima e calma, era substituída pelo entusiasmo, pela excitação.

Depois, tudo findou.

De regresso, no silêncio do nosso quarto, persistia em nós a evocação daqueles momentos de raro encantamento vividos no recanto de Fão, daquela perfeita comunhão entre o Homem e a Natureza — entre a voz que se elevava, nostálgica, e a paisagem que se oferecia, em maravilha. Uma e outra haviam-nos transmitido uma sensação de paz, de uma paz quase irreal, difícil de igualar, difícil de esquecer.

E demos por nós a repetir baixinho: «A Senhora da Bonança Gosta dos pescadores de Fão...»

OS ANOS DE «O NOVO FANGUEIRO»

Por CECÍLIA AMORIM

Festejar o aniversário do jornal, não é para nós um acontecimento rotineiro.

Ele tem um significado muito grande.

Representa a tenacidade de quem o dirige, o esforço de quem, na sombra o compõe, o amor daqueles que colaboram, dos anunciantes que nos escolhem e de todos que nos lêem.

Sem este esforço colectivo, o jornal já tinha morrido, como aconteceu a muitos outros. Há a registar a ajuda preciosa de alguns amigos, que nos primeiros anos, muito ajudaram o jornal.

Hoje, graças a Deus, as despesas e as receitas equiparam-se e o seu volu-



Mesa de honra com três dos principais responsáveis pelo jornal «O Novo Fanguero»

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

Alberto Queiroga Figueiredo, Presidente da Câmara Municipal de Esposende faz saber que, de harmonia com a deliberação desta Câmara Municipal, tomada em sua reunião de 25 do corrente, se procederá à venda, em hasta pública, dos seguintes lotes de terreno para construção de garagens, localizados na Zona Sudeste da Vila de Esposende, devidamente infraestruturados:

LOTES números 23, 24, 25, 26, 27.

A base de licitação, para cada lote, é de 288.000\$00.

A hasta pública terá lugar no edifício dos Paços do Município, pelas 15 horas do dia 21 do próximo mês de Junho.

Não serão permitidos lances inferiores a 10.000\$00.

A venda destes lotes de terreno regula-se pelas condições especiais estabelecidas e aprovadas pela Câmara Municipal, na reunião de 25 de Maio de 1990, encontrando-se as mesmas patentes ao público na Repartição Administrativa e Financeira — Secção Administrativa Taxas, Licenças e Arquivo — de segunda a sexta-feira, durante as horas normais de expediente.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município, 29 de Maio de 1990.

O Presidente da Câmara,
(ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO)

me gráfico cresceu. Milagre? Sim. O milagre do amor e da dedicação.

Descrever o típico jantar servido no Hotel Pinhal é relembrar a presença de amigos que se não viam há um ano, é reviver essas horas de alegre convívio, ao salão do tempo.

O ambiente requintado e agradável serviu da melhor maneira a festa que nos propusemos realizar nessa noite.

Parabéns ao seu proprietário. Fomos recebidos com muita gentileza e amizade, o que agradecemos.

Depois do jantar, houve o apagar das velas, os votos, os brindes e os discursos. Acabou-se em festa, com fados de Lisboa e de Coimbra.

Era uma hora da madrugada quando tudo findou.

Congratulações ao casal Saraiva pela festa e pela sua cordialidade.

Desejo particularmente a estes amigos as maiores venturas.

Longa vida para o jornal.

NOTÍCIAS VÁRIAS

PROMOÇÃO

O Governo português realizou um Blitz em Boston com vista a promover o nosso país na América do Norte. Dessa promoção resultou pelo menos a visita a Portugal de um grupo de empresários daquela cidade que vai verificar *in loco* as nossas potencialidades turísticas.

Esperemos que o nosso concelho faça parte do itinerário que os americanos vão percorrer.

A estadia de turistas da terra do tio Sam não é inédita entre nós. No tempo dos saudosos Rui Gomes e Constantino Araújo tivemos visitantes provenientes dos States.

FALECIMENTOS

— Faleceu em Lisboa Lili Campos Morais, filha do grande benemérito fanguero Francisco Campos Morais.

D. Lili durante muitos anos protegeu os pobres de Fão.

À família e de um modo especial a seu sobrinho, o nosso prezado assinante e amigo, Adalberto Campos Morais, do Porto, os nossos pêsames.

— Em Fão faleceu a nossa conterrânea Ana Fernandes Morais. Foi a enterrar no cemitério de Fão.

À família enlutada as nossas condolências.

ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

(Continuado da pág. 1)

O N.F. — *É de qualquer modo uma coisa rara; tanto quanto sei, nunca foi homem de estroinices.*

M.T. — Não, nunca; A sua ética, a sua moral impediam-no.

O N.F. — *Creio ter lido também que a Rainha D. Amélia era grande amiga do poeta.*

M.T. — A Rainha Senhora D. Amélia era grande admiradora do poeta Corrêa d'Oliveira. Meu sogro esteve muito fraco na sua juventude. Essa fraqueza, a que na altura era vulgar chamar-se uma «fraqueza de peito» penso que se poderia considerar como uma pré-tuberculose. O que é certo é que a Senhora D. Maria Amélia Vaz de Carvalho, grande admiradora de meu sogro também, fez chegar aos ouvidos da Rainha o estado em que se encontrava Corrêa d'Oliveira, para mais, sem condições materiais para se tratar. Imediatamente D. Amélia chamou a si todos os encargos materiais para que meu sogro se tratasse convenientemente. Foi para fora por ordem médica; de regresso, e já restabelecido, foi ao Paço para agradecer à sua benfeitora. A Rainha levantou-se, e pegando-lhe nas mãos disse: «Corrêa d'Oliveira nada tem que me agradece. Não é um grande poeta de Portugal? E não sou eu a Rainha dos portugueses?». Acho uma resposta digna duma grande senhora!

O N.F. — *Mais tarde Corrêa d'Oliveira veio a estar sintonizado com as ideias de Salazar...*

M.T. — Vou tentar esclarecer. Posso dizer que sim, e que não na medida em que Salazar personificava alguém que em muitas coisas concretizava as ideias que meu sogro sempre defendeu na sua obra, mas, divergindo em muitos outros aspectos.

O N.F. — *Desculpe a insistência: quando o dr. José Gonçalo Corrêa d'Oliveira foi chamado a ministro, não houve aí uma certa deferência de Salazar para com o poeta Corrêa d'Oliveira?*

M.T. — De maneira nenhuma. Meu cunhado, ao longo de todo o seu curso, teve oportunidade de manifestar uma inteligência brilhante e mais tarde como presidente do Conselho Técnico Corporativo, tendo subido até lá todos os degraus da função pública

dentro do Ministério da Economia e que lhe mereceu um convite para entrar para o Governo, onde ocupou durante 14 anos as mais variadas pastas.

O N.F. — *Não disfrutava também Corrêa d'Oliveira da amizade de Franco?*

M.T. — Nunca ouvi falar em tal e nem sequer se conheciam. Deu-se no entanto um caso curioso mas que nada tem a ver com isso. Como sabe, quando foi da guerra civil de Espanha, muitos rapazes portugueses deram a sua contribuição voluntária e muitos deles deram a vida para ajudar Franco na reconquista cristã da Espanha. Um filho duma senhora, portuguesa duma nobre família do norte, casada com um espanhol, alinhou pelo lado dos comunistas. Num dos combates, o rapaz foi feito prisioneiro, julgado por tribunal marcial e condenado à morte. Sua mãe recorreu ao então Presidente da República, General Carmona, ao dr. Salazar e ao Cardeal Cerejeira que nada conseguiram. Franco estava irreduzível. A notícia veio na imprensa e, aqui em Belinho, minha sogra tinha por costume ler alto o jornal depois do almoço, enquanto meu sogro tomava o seu interminável café. Impressionada com a notícia exclamou: «Ó António, tu é que podias fazer qualquer coisa...» o que não obteve resposta. Passados minutos, meu sogro pede-lhe que escreva a seguinte quadra:

*«Por quantas vidas em flor
Dei à Espanha, a Deus volvida,
Eu, Portugal, rogo à Espanha
Lhe dê por Deus esta vida!»*

Enviada à mãe, esta fá-la chegar às mãos de Franco que comovido salvou a vida ao rapaz. Eu para mim tenho — é uma opinião pessoal — que Franco se sentiu confrontado com uma grande responsabilidade. Tendo aceite a vida de tantos portugueses, como recusar, quando era Portugal que por Deus lhe pedia uma única vida...!

O N.F. — *Portanto está convencida que foi devido à intervenção de Corrêa d'Oliveira e não a qualquer outra diligência diplomática?*

M.T. — Eu estou, todos nós estamos pois só em 1955, quando das homenagens nacionais feitas a meu sogro, tomámos conhecimento do facto, ao receber a mãe do jovem a quem foi salva a vida e que em

agradecimento ofereceu a meu sogro um pergaminho com iluminuras, descrevendo o desenrolar dos factos e em que patenteava toda a sua gratidão.

O N.F. — *Corrêa d'Oliveira era uma pessoa tolerante?*

M.T. — Sem dúvida e temos provas disso. Sempre cá em casa foi norma colocar a amizade acima das divergências ideológicas. Meu sogro, sendo monárquico e católico praticante, era íntimo amigo de vários republicanos convíctos, agnósticos na sua maioria e que a Belinho se deslocavam em amiga convivência. Quando da monarquia do norte, a nossa casa abrigou muitos republicanos e era frequente ao regressarem a casa, serem acompanhados por meu sogro que com eles subia para o carro de cavalos, a fim de que ninguém lhes tocasse. Esta é a norma que sempre se tem vivido nesta casa.

O N.F. — *Tinha amigos em todos os quadrantes ideológicos?*

M.T. — Sim, sem dúvida. por exemplo: Teixeira de Pascoaes, Raul Brandão, Mário Beirão, Carlos Selvagem, Paço d'Arcos, Alves Guerra, Antero de Figueiredo, Guerra Junqueiro que teve uma frase a meu ver, muito sugestiva: no princípio da república meu sogro chegou a admitir a hipótese de ir tentar fazer vida no Brasil. Sabendo disso, Guerra Junqueiro, ao encontrá-lo no Chiado, disse-lhe: «Partir para o Brasil? Isso nunca. Corrêa d'Oliveira, você é um cume da poesia da pátria e as montanhas não emigram...». Mas havia mais: Henrique Medina, António Carneiro, Teixeira Lopes, Eugénio de Castro cuja cadeira de sócio efectivo veio a ocupar na Academia das Ciências, Miguel Unamuno...

O N.F. — *Manteve relações com Miguel Unamuno?*

M.T. — Exacto. Este escritor leu, através de Teixeira de Pascoaes com quem tinha relações de amizade, uma poesia de meu sogro, sobre o Rio Vouga. Ficou de tal maneira impressionado com a beleza dos versos, que logo pediu que lhe enviassem livros de Corrêa d'Oliveira. E assim eu tenho em mãos uma carta de Miguel de Unamuno para meu sogro em que, fazendo rasgados elogios à sua veia poética, refere possuir já uma série de obras suas: «Ara» Tentações de S. Frei Gil e várias outras, mostrando empenho de manterem relações epistolares. Unamuno era então Reitor da universidade de Salamanca e demonstrou o desejo de que meu sogro fosse recebido por aquela instituição.

O N.F. — *Por falar em Universidade, julgo saber que a Universidade de Coimbra o homenageou.*

M.T. — Sim, os estudantes de Coimbra prestaram-lhe uma homenagem absolutamente, «sui generis», única.

O N.F. — *E espontânea?*

M.T. — Espontânea como todas as homenagens que lhe foram prestadas. Do que realmente gostava era de viver a vida sossegada e pacífica que aqui levava, o mais afastado do mundo possível. No entanto, os estudantes de Coimbra convidaram-no a fim de lhe prestarem uma homenagem única que consistiu em fazê-lo Quintanista Perpétuo de Letras, como que doutor «honoris causa», não por iniciativa da reitoria mas, sim, da Associação dos estudantes, caso inédito em Portugal e creio que no mundo. Foi recebido na sala dos Capelos na presença do Ministro da Educação, pelo Reitor da universidade, então, o Prof. Fezas Vital, que a certa altura afirmou: «Sr. António Corrêa d'Oliveira, esta homenagem que hoje aqui lhe é prestada, nunca aconteceu e jamais tornará a acontecer...» A pedido dos estudantes, meu sogro tinha-se apeado do



A nora do poeta Corrêa d'Oliveira conversando com o nosso director

(Continua na pág. 8)

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Como sabem, «O Novo Fanguero» completou 6 anos de vida. No jantar comemorativo, a honra de representar a vossa página coube à Marta. Esteve, também, o Tiago, como prémio pela sua assiduidade. É dele o desenho alusivo à efeméride, que hoje se publica.

HISTÓRIA INACABADA

Por HELENA BANCO

(Continuado do número anterior)

O Zé, esse estava decidido. Ia «a monte» para França. Ele até lhe tinha arranjado uns contos de réis para dar ao «passador». C'os diabos, o rapaz merecia. Embora tivesse aquelas ideias esquisitas, sempre fora um bom filho, trabalhador e obediente. E a única paga eram alguns mil réis para uma festa ou uma feira, que um homem como o Zé também tem as suas precisões!

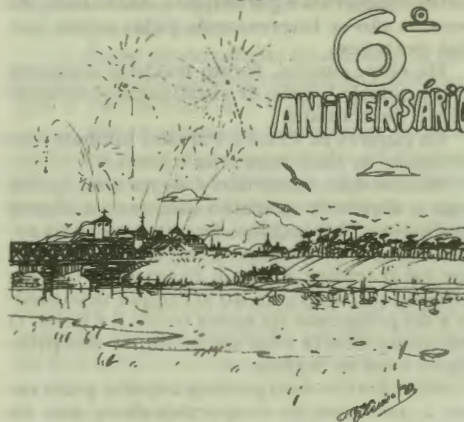
Sem o Zé, portanto, que logo logo se iria; com a mãe, a TiRosa, adoentada — que raio de doença seria aquela que nem os melhores médicos descobriam — e ele já fora com ela aos melhores, pois claro, embora isso lhe tivesse custado os olhos da cara, como iria ser a sua vida quando ele, Mane,, fosse para a tropa? Ná! Ele, João da Eira, sempre haveria de se amANHAR! Sempre haveria de haver alguém disposto a alugar a força dos seus braços, e a dar-lhe uma ajuda sempre que de tal necessitasse.

Tudo isto, em silêncio, o Manel ouvia. Bem diferentes, porém, eram os seus sonhos, os seus projectos de futuro. Por natureza obediente e respeitador, como se disse, o Manel, porém, sonhava. É verdade que compreendia o seu pai e por isso não se revoltava. Com tudo parecia concordar. Para quê criar desavenças? Ele teria a tropa para cumprir, não era? Pois então!

Faria a tropa e quando regressasse, então sim. Haveria de ter uma conversa com seu pai a quem então, e só então, daria conta dos seus sonhos, dos seus desejos dos seus projectos. Que ele, manel, não era burro. Não era isso mesmo que seu pai dizia aos amigos, do seu Manel? Que o rapaz era fino, «esperto como um alho»? Pois é que era mesmo. E a provar isso, é que mesmo pouco tendo ido à Escola, o Manel sabia ler, escrever e contar. e não era surdo! Ouvia muito bem o seu irmão mais velho, tudo o que se dizia à sua volta, e tinha compreendido. Que os tempos mudavam, que os tempos estavam a mudar! Por isso, não continuaria ali, metido naquela aldeia, de que gostava muito, é verdade, mas que era demasiado pequena para os seus sonhos. Ele, Manel, já tinha ido à cidade. Aí sim! Aí estava o seu futuro. Aí é que haveria de ter um «negócio» seu. O irmão, o Zé, já lhe havia prometido ajuda, se Deus quizesse e a vida lhe corresse, lá pela França. E ele não haveria de ter necessidade de emigrar. Não queriam ser ricos. Apenas não queriam, como seus pais, seus avós, continuar numa vida de servidão! Haveriam de trabalhar para si, de ter a sua casinha — não eram precisos luxos como os da casa do sr. António da Agra, o Brasileiro rico que morava na terra. Não. Ele, Manel, com a ajuda do Zé, que já lha havia prometido, só precisava era de ir para a tropa. Conhecer outras terras, outras gentes, outros costumes. Aprender a viver.

(Continua)

O NOVO FANGUEIRO



MÃE

*Tu és tão amiga,
Tu és tão boa,
Que devias ser rainha,
Rainha de coroa.*

*Tu és tão amável!
P'ra me ajudar trabalhas,
Tens força de vontade
Com que nunca falhas.*

*És uma maravilha
E és tão terna!
Tu estás cheinha
De amizade materna.*

*Na minha imaginação
Tu és uma boa fada,
Que a mim
Com muito amor foi dada.*

MARTA

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus

PAUSA PARA SORRIR

Uma senhora foi a uma casa de artigos masculinos escolher uma gravata para oferecer.

O empregado, amavelmente, ia mostrando várias, mas a senhora punha defeito a todas: ou era a cor, ou o tecido, etc.

O homem acabou por mostrar todas as gravatas que tinha no estabelecimento, sem que nenhuma satisfizesse a freguesa.

A certa altura, esta pergunta, com ar aborrecido:

— Só tem estas gravatas?

Desesperado, o homem exclama:

— Não, minha senhora! Tenho ainda esta que trago ao pescoço!.

O professor: — A que reino da natureza pertence o Homem?

O aluno: — Ao reino mineral.

O professor: — O quê? Que disparate é esse?

O aluno: — Não é disparate. Então o primeiro homem não foi feito de barro?

Uma criada vai servir e a patroa nota que ela não tem os menores hábitos de higiene.

Um dia repara que ela utilizou a casa de banho e não lavou, a seguir, as mãos. Fez-lhe um sermão sobre a higiene necessária principalmente a quem, como ela, lidava com alimentos, talheres, etc. A moça ouviu e calou.

Passados dias, porém, a cena repetiu-se. A patroa repreendeu-a, furiosa:

— Não lhe disse, já, que após utilizar o quarto de banho deve imediatamente lavar as mãos, antes de tocar em qualquer coisa?

Responde a criada, muito calma:

— A senhora não se preocupe, que eu agora não vou mexer em talheres nem nada disso. Vou mas é merendar.

A senhora vê-a dirigir-se, muito segura de si, para a saca do pão, meter a mão e apalpar metodicamente os pães todos, até se decidir pelo que havia de escolher!...

CASTELO DO QUEIJO

*Barco enalhado
Castelo à deriva
Nevoeiro explorante
Rochas do tempo
Areia de pedra
Furando o eléctrico
Castelo do Queijo.*

PAULO MAGALHÃES

DE APÚLIA

ÓBITOS — No mês de Abril, tivemos conhecimento dos seguintes falecimentos: no dia 19, e depois de prolongado sofrimento, faleceu na sua casa do lugar da Areia, o senhor Lourenço Fernandes Cruz, de 87 anos de idade, casado com Cecília Fernandes Moreira.

O saudoso extinto que foi, sem dúvida, um dos apulienses mais inteligentes da sua geração, foi a sepultar com grande acompanhamento, no dia 20 do mesmo mês.

À família enlutada, muito especialmente aos seus filhos Arlindo e Clarinda Fernandes Cruz, apresenta «O Novo fangueiro» o seu cartão de pesar.

— Também no lugar da Areia, faleceu em 28 do mesmo mês, o senhor Henrique Gonçalves da Torre, de 70 anos de idade, casado com Alzira Dias Ribeiro.

A toda a numerosa família, os nossos pêsames.

— No mês de Maio, no dia 13, faleceu o senhor Abílio Marques Correia, nascido em 31/08/1946, filho de António Fernandes Correia e de Adelina Marques.

Deixa viúva a senhora Maria da Conceição Lima Enes e oito filhos, de menor idade, a quem deixamos os nossos pêsames.

— No dia 14, faleceu o senhor João Joaquim Pedrinha, nascido em 24/06/1920, natural da freguesia da Estela, concelho da Póvoa de Varzim, filho de Lino Joaquim Pedrinha, e de Maria Rosa Leite.

O extinto, que há anos se encontrava acamada devido a uma doença, deixa viúva a senhora Isaltina Martins da Fonseca. Para ela e seus filhos, o nosso cartão de pesar.

UMA APULIENSE CENTENÁRIA — No próximo dia 27 do corrente, se entretanto não for chamada a prestar contas de tão longa vida (nasceu em 27/06/1890) completa a bonita e respeitável idade de 100 anos, a senhora Ludovina de Sá Condesso, viúva de Alexandrino Félix, falecido em 04/06/1966.

A simpática e nobre senhora (que não é nobre apenas de nome) e reside no lugar de Paredes, desta Vila de Apúlia, é filha de José de Sá Condesso e de Maria de Marcos.

O que ela teria, para contar, se quizesse desfolhar a sua memória!... O assassinato do Rei e herdeiro de Portugal; a implantação da República; o 28 de Maio e a ditadura; as guerras mundiais; a chacina da família real Russa; a vida e morte trágica de Camilo; o 25 de Abril e o advento da democracia!

Que os seus lhe prestem a homenagem merecida, e que Apúlia se regosije com os 100 anos daquela conterrânea.

LARGO DA SENHORA DA GUIA — Ali, onde não há muitos anos só existia areia e alguns «chorões» está a consolidar-se, agora, uma linda e agradável sala de visitas de Apúlia.

Os apulienses podem sentir-se contentes e agradados daquela obra, que vem sendo conseguida de há alguns anos para cá.

Todo aquele espaço, outrora desaproveitado, foi limpo e cimentado. Plantaram-se árvores e construíram-se bancos e floreiras. Ergueu-se o monumento ao Sargaceiro e no lado oposto foi colocado o marco comemorativo da elevação de Apúlia a vila. O local foi ajardinado, as árvores cresceram e estão frondosas e verdejantes, e as floreiras e a área ajardinada estão cobertas de flores de lindas e variadas cores.

Aquilo faz bem às pessoas. Dá gosto ver. Agrada aos olhos e aos sentidos.

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA — Realizou-se mais uma, ainda na Casa do Povo e, dizem, muito concorrida e participada. Ainda bem. As pessoas vão-se interessando pelas coisas que lhes pertence.

De entre outros, foram tratados assuntos de toponímia local e de sinalização e ordenamento de trânsito.

Os lugares de Criaç e Paredes também vão ter agora as suas ruas com nomes.

Parece que ainda não é desta que Apúlia paga a dívida de gratidão que deve a alguns apulienses, já falecidos, de entre os quais sobressai a grande distância, esse grande homem que foi o senhor António Fernandes Torres, o Presidente da Junta do arranque urbanístico e do progresso da nossa terra. E é pena. O seu nome ficaria bem em qualquer das principais ruas de Apúlia.

FUTEBOL — Está prestes a cair o pano sobre a participação desportiva deste ano do nosso grupo desportivo, a disputar presentemente o Campeonato Distrital da 2.ª Divisão da Associação de Futebol de Braga.

A um jogo do fim, o nosso representante encontra-se no segundo lugar, de parceria com a equipa da freguesia de Gandra.

Só o último jogo é que vai decidir quem será, dos dois, o clube que acompanha na subida o Fão, já vencedor da mesma série. E, diga-se de passagem que com todo o mérito, pois foi não só a equipa mais regular, mas também aquela que melhor futebol praticou ao longo destes longos meses.

O último jogo do Apúlia vai ser jogado exactamente no campo do Fão, onde poucas equipas passaram, e desse resultado vai depender a subida à primeira divisão, ou a manutenção na segunda.

Vamos esperar que a sorte, que não nos tem acompanhado nos últimos jogos, nos sorria agora neste jogo.

De qualquer forma, de uma coisa já estamos certos: serão do concelho de Esposende as duas equipas que vão subir de escalão.

PROGRESSO — Em toda a parte se nos deparam construções nesta vila. De iniciativa privada, mas também de iniciativa pública. Arranjam-se estradas, melhora-se o abastecimento de água, sinaliza-se e regulamenta-se o trânsito, assinalam-se passadeiras para peões, constrói-se em bom ritmo o edifício para o ciclo e escola secundária, melhora-se o pedestal do Cruzeiro, ultimam-se os acabamentos na nova sede da Junta. De iniciativa particular, as construções são às centenas. Em todo o lado crescem obras, simples ou grandiosas. Apúlia fervilha de pujança e de vida. O ritmo é impressionante. Apúlia, não vão ser precisos muitos anos, vai ser uma terra muitogrande e onde as pessoas vão ter gosto em viver.

NOVAS CASAS COMERCIAIS — Abriram recentemente ao público mais dois supermercados. Ambos na principal artéria de Apúlia, a Avenida da Praia. Um lá ao fundo, junto à Dependência Bancária, mesmo encostado ao largo da Senhora da Guia; o outro, enorme, fica a meio caminho, entre a Casa do Povo e a praia, no centro da zona mais povoada da vila, e é propriedade do jovem apulienese José Manuel Carvalho Carreira.

Os apulienses (e não só) têm agora na sua terra, ao seu dispor, tudo quanto necessitam no seu quotidiano do dia a dia das suas casas.

CARTA AO DIRECTOR

Exmo. Senhor Director do Jornal
«O Novo Fangueiro»

Em resposta à local publicada no último número desse jornal com o título «Tensão entre coralistas», queríamos informar o seguinte. Há cerca de um ano, existe um grupo de nove pessoas que vai animando a missa dominical no Mosteiro do Senhor Bom Jesus; dessas, três fazem parte do grupo coral de Fão, enquanto outras já fizeram.

Este pequeno grupo (...) de *coristas* não tem pretensões, nem profissionais nem materiais, e é prata da casa; nem queremos vir nos jornais nem na televisão. Apenas queremos ser parte integrante da videira que Cristo apresenta na Bíblia Jo 15, 5.

Com o pedido de publicação, subscrevemo-nos com os melhores cumprimentos.

*O grupo de animação do
Bom Jesus de Fão*

NOTÍCIAS

AGRADECIMENTO

A família de Ana Fernandes Moraes, muito sensibilizada, vem por este meio agradecer a todos quantos se associaram à sua dor ou de qualquer modo manifestaram o seu pesar.

DOENTE

Tem passado incomodado da saúde o nosso assinante Manuel do Nascimento Júnior. Em busca de alívio para os males, deslocou-se recentemente a Londres, em companhia de sua esposa. Sabemos que tem sentido melhoras.

Desejamos um pronto restabelecimento.

DO BRASIL

Encontra-se desde há dias em Fão, vindo do Brasil, o casal Maximino e Rosa Calafate, nossos assinantes desde a primeira hora.

Também se encontra entre nós, de visita a seus familiares, a nossa conterrânea Odete Carneiro, residente habitual no Rio de Janeiro. Boa estadia entre nós.

Longa Vida

o que é bom da natureza

**A BRASILEIRA
PORTO**

Nós somos café

FARPAS DE ESCÂRNIO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

A escola primária de Fão, corpo discente e docente e encarregados de educação levaram a efeito, pela segunda vez, uma semana de educação, com um programa variado e de interesse sócio-histórico e cultural.

No dia 28 de Maio, foram projectados diapositivos, no salão dos Bombeiros, alusivos a monumentos do concelho, comentados pelo professor de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto dr. Brochado de Almeida.

No dia 29 de Maio, durante todo o dia, foi realizada uma visita guiada aos monumentos do concelho. Encarregaram-se da lição o dr. Brochado de Almeida e seus assistentes. Esta visita teve o apoio do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Esposende.

No dia 30 de Maio, dia da arte, estiveram na escola n.º 1 vários artistas e artesãos locais. Af ensinaram «aos alunos» como se faz um artista. Mostraram os seus trabalhos de pintura o professor Elias Cardoso e o sr. António Costa.

António Teixeira Dias falou de colecionismo, sobretudo de conchas marinhas e sua aplicação na decoração. Estes «professores» são naturais de Fão e tiveram grande interesse em participar nesta actividade.

No dia 31 de Maio, dia da literatura, esteve na escola o escritor António Mota que falou sobre os seus livros e observou os trabalhos realizados pelos alunos da Escola Amorim Campos fundamentados nas suas narrativas.

Dia 1 de Junho, dia da criança, almoço de convívio com alunos e professores da escola de Cidai, Santiago de Bouçado, Santo Tirso. A escola de Fão ofereceu aos alunos visitantes o almoço e uma visita guiada aos monumentos e lugares turísticos de Ofir. De tarde, o Clube de Futebol de Fão ofereceu um lanche a cerca de 300 crianças das duas escolas.

Os encarregados de educação ofereceram clarinhas a todas as crianças e uma passagem de modelos do «Fão antigo» acompanhada por letras e música do séc. XIX. Nesta passagem de modelos foi de salientar os quadros alusivos a profissões já caídas em desuso nesta localidade, tais como os sargaceiros, as bordadeiras, os pinotos, o carpinteiro naval e o calafeteiro.

Registe-se, com muito agrado, que a escola de Fão tem vindo a estender a sua acção educativa muito para além da sala de aulas, destacando-se a festa de Natal, o cortejo de Carnaval, várias exposições, conferências e visitas de estudo, contribuindo muito positivamente para o interesse que se manifesta pela cultura regional e local entre a população fanguieira.

— A semana cultural também tem direito ao espaço nas farpas... de Bem-Dizer.

— Tem-se assistido, ultimamente, a um unir de esforços entre várias instituições locais. Bons ventos... puxados, como resultado, dos homens certos, nos lugares certos.

— Ainda agora, na Semana Cultural, vários foram os fanguieiros e as instituições colaborantes: Bombeiros, Futebol e Autarquias Local e concelbia.

— O destaque vai para a direcção do Futebol que em maré de lua-cheia, deu de lançar a 300 crianças e ofereceu, à Escola visitante, camisolas com o nome da nossa praia-Ofir. Parabéns... gente da bola!

— Os encarregados de educação também marcaram, positivamente, a sua presença,

fazendo bons merendeiros para os seus filhos ofertarem à Escola de Cidai.

— É pena que sejam poucos e quase sempre os mesmos a visitarem as exposições.

— Também já é (mau) hábito, aparecem poucos pais nas palestras e conferências sobre a terra.

— As professoras que trabalham, como trabalhavam, antigamente, as jornaleiras do campo, de sol a sol e pela noite dentro, vão receber um prémio... no fim da vida: A reforma por inteiro. Neste mundo é assim que se «elas» pagam.

— Tiveram uma compensação: Inspeção e Delegação Escolar estiveram presentes, com o seu apoio e felicitações.

Farpas na bola:

— Estão de parabéns os atletas, os dirigentes e todos quantos contribuíram para que o Fão subisse à 1.ª Divisão Distrital.

— Foi já elogiada a presença do nosso clube na festa de consagração do Esposende. É que hoje, o bairrismo já não é doentio. Um por todos e todos por um.

— Para a próxima época, é preciso que os jovens de Fão, à mistura com estes briosos magriços de Barcelos, regressem à terra, como fez o filho do Zé Barbeiro, que apesar de magala, sempre que pôde, vestiu a camisola da sua terra e meteu o golo da vitória. É que os Zés... são fanguieiros, mesmo «franceses».

Mais «Farpas».

— Há na nossa terra o gosto pela colombofilia. O Clube do Rio fala de pombos e de... «pombas». mas fiquel «abananado» com o «pombal» que os TLP ou Telecomunicações de Portugal estão a construir mesmo pegadinho ao cemitério. Quando aquela «coisa» cheia de buracos-rodinhas começou a crescer, julguei que era para casa-mortuária ou forno de cremação-incineração dos finadinhos. Mas não. É para, quando necessitarem, se poderem servir do telefone... Vai daí, os TLP pensaram assim: «Bem! A gente de Fão é muito bairrista. gosta de competir com Esposende. Esposende tem Bombeiros e Fão também. Esposende tem Hospital e Fão também; Esposende tem Futebol e Fão também; Esposende tem... e Fão também. Portanto, Esposende tem um casarão mesmo, mesmo pegado ao cemitério e vamos «pregar» a mesma «prenda» a Fão. Pensaram-no e fizeram-no». Só não se lembraram é que o Cemitério de Fão é monumento nacional — se não é, devia ser —; só não pensaram é que o cemitério de fão, em cem anos, alargou duas vezes; só não pensaram é que os mortos continuam a aumentar; só não pensaram é que agora, ou o cemitério fica assim até à vida eterna ou o «pombal» daqui a alguns anos terá de mudar de lugar. Obrigado pela «prenda». mas o «sítio» foi mal escolhido. Os mortos gostam de ar. ficavam abafados a norte. Mau gosto. O cemitério perdeu em beleza. Ou seria por malandrice que nos ofereceram aquele «mausoléu telefónico»? Não acredito. Talvez desconhecemos que, para nós, fanguieiros, o cemitério é a nossa futura morada eterna, que em vida defendemos com carinho, amor e respeito pelos nossos mortos. Para a próxima investida, peçam opinião.

— O palácio dos troços — vulgo mercado — vai ser «convertido» em Palácio de Congressos. nasceu amputado; vai levar várias próteses para poder ser adaptado a funções diversas: Exposições, Congressos; Teatro e outras finalidades que a autarquia julgue conveniente.

— A época banear está aí. Muitos bolandeses já manducam por estas paragens. Outros apanham sol que o bom tempo veio para ficar. A praia levou uns arranjos e várias limpezas. Mas os «domingueiros» são porcos que se fartam. É preciso, quanto antes, colocar os bidões de lixo, no areal, com leiteiros em português — basta em português — «Deposite, só neste bidão, o seu lixo».

As retretes públicas continuam fechadas. Fazem falta. Mas como ainda não há baracas... também não há retretes. Não dá para compreender...

— Fão vai assistir a uma remodelação de iluminação pública. Para muito melhor. gente com cabeça pensa bem. Candeeiros à «Fão Antigo» vão iluminar, de novo, a nossa terra. E outras coisas estão para surgir. Mas, são surpresas, diz quem gosta de trabalhar sem publicidade.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

Alberto Queiroga Figueiredo, Presidente da Câmara de Esposende faz saber que, de harmonia com a deliberação desta Câmara Municipal, tomada em sua reunião de 25 do corrente, se procederá à venda em hasta pública, dos seguintes lotes de terreno para construção, localizados na Zona Centro da vila de Esposende, devidamente infraestruturados:

LOTES números 8 e 14.

A base de licitação é a seguinte:

LOTE número 8 — 35.100.000\$00

LOTE número 14 — 28.650.000\$00

A hasta pública terá lugar no edifício dos Paços do Município, pelas 14 horas do dia 21 do próximo mês de Junho.

Não serão permitidos lanços inferiores a 100.000\$00.

A venda destes lotes de terreno regula-se pelas condições especiais estabelecidas e aprovadas pela Câmara Municipal, na reunião de 25 de Maio de 1990, encontrando-se as mesmas patentes ao público na Repartição Administrativa e Financeira — Secção Administrativa Taxas, Licenças e Arquivo — de segunda a sexta-feira, durante as horas normais de expediente.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município, 29 de Maio de 1990.

O Presidente da Câmara,
(ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO)

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALTERAÇÃO DO REGULAMENTO DE APLICAÇÃO DA TAXA DE URBANIZAÇÃO

Alberto Queiroga Figueiredo, Presidente da Câmara de Esposende torna público, que sob proposta da Câmara Municipal, a Assembleia Municipal de Esposende, em Sessão Ordinária de 30 de Abril último, aprovou uma alteração ao Regulamento de Aplicação da Taxa de Urbanização, que implica aumento das respectivas taxas, cujo processo poderá ser examinado na Repartição Administrativa e Financeira — Secção Administrativa de Taxas, Licenças e Arquivos — desta Câmara Municipal, em dias úteis, dentro das horas de expediente e por todos os interessados.

A presente alteração entrará em vigor decorrido o prazo definido no n.º 3, do art. 21.º da lei n.º 1/87, de 6 de Janeiro, ou seja 15 dias, contados da data da publicação da data do presente Edital e de outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume, bem como publicitados através dos Jornais mais lidos na região.

Esposende e Paços do Concelho, 2 de Maio de 1990.

O Presidente da Câmara,
(ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO)

ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

(Continuado da pág. 4)

comboio na Estação Nova e ainda a seu pedido entrou num carro aberto, seguindo-o a família à distância. Da estação até à Associação Académica o carro ia passando sobre as capas negras que os estudantes iam estendendo ao mesmo tempo que o iam aclamando: «Pelo Minho, viva Corrêa d'Oliveira! Pelo Algarve, viva António Corrêa d'Oliveira!» E assim foram evocando as províncias donde os estudantes eram naturais.

O N.F. — *Parece que a popularidade se estendeu ao Brasil...*

M.T. — Também é verdade. Meu sogro foi ao Brasil a convite da Federação dos Portugueses no Brasil para com eles conviver num dia 10 de Junho que era o dia da Raça. Quando lá chegou, os jornais deram a notícia com grande relevo. Aconteceu que várias vezes ao entrar num táxi ou restaurante, os motoristas e empregados, ao repararem na sua figura inconfundível, recitavam-lhe algumas quadras da sua autoria. Coisa que nunca lhe tinha acontecido em Portugal.

Quando o embaixador Martinho Nobre de Melo o apresentou ao Presidente da República, foi o próprio Presidente que, virando-se para o Embaixador, afirmou: «Por Deus, não me apresente o poeta António Corrêa d'Oliveira porque aquilo que eu sou, espiritualmente, devo-o sem dúvida à sua obra. E começou a recitar várias páginas do livro do poeta.

O N.F. — *Diz-se que na rectaguarda dum grande homem está sempre na sombra a figura duma grande mulher. A esposa de Corrêa d'Oliveira confirma a regra?*

M.T. — Sim, neste caso, inteiramente. E isto porque lhe proporcionava todas as facilidades, evitando-lhe todo e qualquer obstáculo, problema ou preocupação. Chamava a si tudo quanto era difícil, todas as agruras e dificuldades. Sacrificou-se sempre, inteiramente. E, como sabe, os poetas têm uma sensibilidade muito especial e o meu sogro não escapava à regra. Havia facetas do seu feito que eram consequência dessa hiper-sensibilidade. A minha sogra tudo compreendeu, tudo suportou e tudo facilitou para que nada impedisse a sua perfeita

realização, para que nada pudesse perturbar a sua veia poética. A minha sogra era a «Senhora de Belinho», a mais velha de duas irmãs: Disfrutava de um grande prestígio não só aqui na aldeia, pela sua bondade, pela sua caridade, como entre os muitos conhecimentos e amigos, sobretudo no Porto e em Lisboa. Mesmo antes de casar. Era frequente estar sentada junto à janela desta sala em que estamos e baterem-lhe à vidraça todas as necessidades, carências e misérias desta freguesia. Era um doente que pretendia ser internado, um chefe de família desempregado, uma pobre que não tinha sustento para a família, uma doente que pedia para lhe dar injecções, etc.

O N.F. — *Davam injecções?*

M.T. — Muitas vezes. Durante a pneumónica, o que a minha sogra teve que fazer...! Quantos doentes não lhe morreram nos braços...! Esta casa tinha um guarda durante a noite e era frequente às duas ou três da manhã, quer chovesse ou trovejas-se, ele acompanhar a minha sogra, alumando-lhe os caminhos com o seu lampeão até aos casebres mais pobres para aliviar um doente ou ajudar a morrer um moribundo. Era uma senhora desta tempera. Dotada de grande coragem, de grande cultura, e duma Fé e espiritualidade difíceis de encontrar igual.

O N.F. — *Como brotava a poesia em Corrêa d'Oliveira?*

M.T. — A sua grande inspiração veio certamente da sua grande riqueza interior centralizada dum modo especial no seu grande amor a Deus, à Pátria e à Família. Usava um sistema de trabalho muito pouco vulgar. Compunha um livro totalmente de cor, sem rabiscar uma palavra.

O N.F. — *Então não tomava apontamentos?*

M.T. — Quando tinha em mente uma obra já completa, passava-a ao papel e a partir daí esquecia-a por completo.

O N.F. — *Ele foi, creio, essencialmente um poeta popular.*

M.T. — Foi um poeta popular, mas não só. Quanto a mim, foi mais um poeta popular na medida em que sentiu as qualidades, as virtudes do povo; era muito grande o respeito que sentia pelo seu

esforço, pelo seu trabalho, pela nobreza dos seus principais, pela nobreza da sua vida. Mas muita gente pensa que ele foi só um poeta lírico, mas para além do género lírico, meu sogro, tem obras de grande envergadura no campo filosófico. Escreveu obras tais como: «Verbo Ser e Verbo Amar», «Tentações de S. Frei Gil», «Ara», «Raiz», «Job», «Elogio da Monarquia» e outras que são obras de tese e de muita profundidade.

O N.F. — *Mas é mais conhecido e apreciado como poeta popular...*

M.T. — Isso deve-se ao facto de muita gente desconhecer livros como os que acabo de mencionar ou, se leram, não lhes souberam captar o seu verdadeiro sentido.

O N.F. — *Não se terá dado o caso de a catedral de versos populares ter submergido a arquitectura filosófica de alguns livros?*

M.T. — O conteúdo de alguns livros não é acessível à maioria mas apenas a uma elite. Em relação às «Tentações de S. Frei Gil», tem-se dito muitas vezes que corresponde a uma face panteista que o poeta atravessou. É certo que na sua juventude o seu espírito partiu em busca de novos horizontes, novas perspectivas, em busca duma verdade, por hipótese, desconhecida. Mas porque era um espírito superiormente inteligente e fortemente marcado por um cristianismo autêntico, rapidamente se apercebeu das inutilidades dos seus desvanecios, regressando aos princípios indestrutíveis da sua Fé. Tocado por um misticismo, no sentido que esta palavra tem de intimidade com Deus, tinha uma noção muito mais perfeita das realidades. Isto é, sabia situar-se como criatura perante a grandeza infinita de Deus. Aprendia com maior realismo a distância que vai do homem ao seu criador. Daí o facto de ser verdadeiramente humilde. sempre se considerou como instrumento, como porta-voz dum Ente Superior.

O N.F. — *Apesar de tantos sucessos, de tantas manifestações de simpatia, não lhe parece que o poeta Corrêa d'Oliveira veio a cair num certo penumbamento ainda em vida?*

Neste momento, o filho do poeta, António da Cunha Sottomayor Corrêa d'Oliveira também presente intervieio:

— Não se esqueça que meu pai era monárquico, católico e nacionalista...

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telefs. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como da especialidade. Esta edição não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 376/3007 COIMBRA CODEX
IMP. L. RUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

VARIETADES

São muitas as variedades cultivadas de batata. E muitas dezenas mais surgem continuamente como resultado do melhoramento que tende a encontrar produções mais elevadas e qualidades superiores. O aumento de produtividade obtêm-se não apenas conse-

guindo variedades com maior número de tubérculos de tamanho maior mas, acima de tudo, procurando variedades resistentes a doenças e pragas que são na maioria dos casos os factores principais de redução da produção. Daí o facto de se atender cada vez mais à criação de variedades resistentes ou imunes mesmo, quando possível.

Asterix

Variedade *semi-tardia*, de *pele vermelha* com tubérculos ovais-alongados e *polpa amarela*. Bom teor de matéria seca (\pm 5% superior ao da variedade DESIREE).

Muito boas características de cozedura e industrialização (French Fries). Bastante re-



sistente ao enegrecimento interno e danos mecânicos. Resistente ao *nemátodo dourado (Ro 1)* e cancro (fysio 1). Resistência moderada ao mildio da folha e resistente a esta doença no tubérculo. Boa resistência ao «fusharium» e resistência moderada à gangrena.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199..... BARCELOS

Aconselha-se a plantação a uma distância 25% superior à da variedade Desiree, se se quiser obter um número bastante grande de tubérculos de grande calibre.

Baraka

Variedade *tardia*, de elevadíssimo rendimento, *pele amarela* com tubérculos de grande calibre. Muito apta para o cultivo quer em terrenos argilosos, quer arenosos. Os tubérculos são *oval-achatados*, olhos *semi-superficiais* e *polpa amarela-clara*. Número médio de tubérculos de grande calibre. Boa qualidade para consumo, desfazendo-se à cozedura. Própria para a industrialização de batata frita. Susceptível ao azulamento interno. O arranque mecânico tem que ser feito com bastante cuidado. Moderadamente susceptível ao mildio da folha e pouco susceptível ao mildio do tubérculo.

A sua boa resistência à seca e calor, e baixas necessidades de azoto, tornam esta variedade muito apta para o cultivo em terrenos muito pobres e sujeitos à seca nas áreas tropicais e sub-tropicais. Boas qualidades para armazenamento.

Berber

Variedade *precoce*, de *pele amarela* com uma tuberização muito precoce. Adapta-se aos solos argilosos e arenosos. Os tubérculos têm forma *oval*, bem formados, com olhos superficiais e *polpa amarela*. Boa qualidade de consumo, ficando as batatas bastante firmes depois de cozidas, tendo um teor muito baixo de matéria seca. Susceptível ao mildio da folha e pouco susceptível ao mildio do tubérculo. Pouco susceptível a viroses, às manchas negras internas e danos mecânicos. Resistente ao *nemátodo dourado (Ro 1)* e cancro. Foram obtidos resultados muito bons como variedade precoce na Alemanha Ocidental.

(Continua na pág. 10)

Basta[®]

a melhor alternativa

Herbicida total


Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

Apartado 6 2726 Mem Martins Codex
Telefone 9 21 21 60

Filial: Av. Sidónio Pais, 379
Apartado 1311
4201 Porto Codex
Telefone 66 70 51

Hoechst - um amigo
na agricultura

Hoechst 

BATATA - SEMENTE

VARIETADES COMERCIALIZADAS EM PORTUGAL

- LOLA — Precoce, amarela, muito boa qualidade culinária
 ROSALIE — Vermelha, semi-precoce, boa conservação
 APOLLO — Muito precoce, amarela, boa apresentação
 CLAUSTAR — Semi-precoce, amarela, boa conservação



- COMPARE A QUALIDADE
- COMPARE O RENDIMENTO
- PRODUZIDA EM FRANÇA

(Continuado da pág. 9)

Jaerla

Variedade *muito precoce a precoce* de alto rendimento e pele *amarela*, com tubérculos grandes. Pode ser cultivada em todos os tipos de solos. Número moderado de tubérculos grandes, *ovais*, com olhos bastante superficiais e polpa *amarela clara*. Boa qualidade de consumo, bastante firme à cozedura, com baixo teor de matéria seca. Sendo uma variedade precoce. Jaerla tem uma boa resistência ao míldio da folha e é pouco susceptível ao míldio do tubérculo. Boa resistência aos vírus e à sarna comum. Imune ao cancro. Pouco susceptível ao enegrecimento e à seca.

Susceptível à formação de «batatinhas». Para uma variedade precoce apresenta boas características de armazenamento.

Mansour

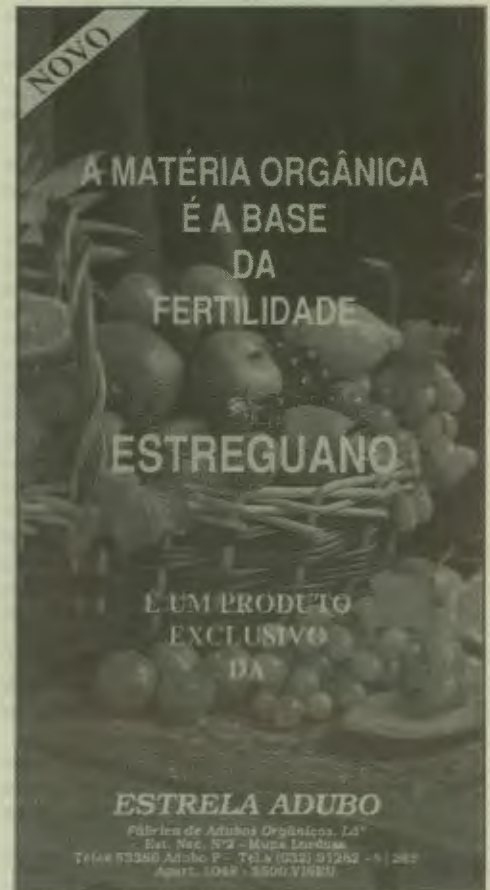
Variedade *semi-tardia*, de elevado rendimento, pele *amarela*, variedade com tubérculos grandes e belos, mesmo numa fase de tuberação muito precoce. Aparentemente adapta-se muito bem ao cultivo em solos argilosos e arenosos. Os tubérculos tem uma forma *oval*, olhos superficiais e polpa *amarela clara*. A folhagem vigorosa assegura o crescimento dos tubérculos precocemente formados, durante muito tempo. Moderada a pouco susceptível ao míldio da folha e pouco susceptível ao míldio tubérculo. Boa resistência geral às viroses e «verticillium». Imune ao cancro. Pouco susceptível ao enegrecimento e crescimento secundário.

Aconselha-se um arranque cuidadoso dos tubérculos de grande calibre. Boas qualidades de armazenamento.

Monalisa

Variedade *precoce a semi-precoce*, com

ovais-alongados muito belos. Pode ser cultivada tanto em solos argilosos como em solos arenosos. A boa qualidade para consumo e a boa cor da polpa, *amarela*, tornam esta variedade muito apreciada pelos que gostam de batata cozida com polpa muito firme. Os tubérculos tem pele amarela e olhos super-



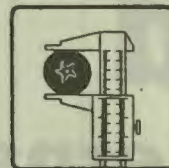
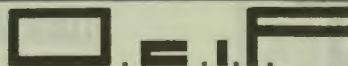
ficiais. O rendimento é bastante bom, com boa resistência às viroses. Possui boas características de armazenamento, especialmente para uma variedade bastante precoce. Tem um período de dormência bastante longo.

Para estimular uma rápida emergência, especialmente quando plantada precocemente, tem que evitar-se um armazenamento a temperaturas demasiado baixas.

Van Gogh

Variedade *semi-tardia*, de pele *amarela*, forma *oval* e polpa *amarela*. De bom a muito bom rendimento especialmente em solos arenosos. À cozedura mostra uma consistência que vai do firme ao bastante farinhento (B.C.) Não descolora depois de cozinhar. Boas características para a industrialização (french fries). Teor médio de matéria seca (10% acima de variedade Bintje) e esfolia-se dificilmente. Resistente ao *nematodo dourado (Ro 1)*. Boas características de armazenamento. Esta variedade dá bons resultados tanto em solos arenosos, como em solos de grande teor de matéria orgânica, com bons resultados quer no rendimento quer na qualidade.

CALIBRADORES DE FRUTA



MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para espaços limitados

Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondaca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próximo número)

CARTAS AO DIRECTOR

(Continuado da pág. 12)

to pouco». Não haverá nenhum artigo a publicar no jornal que se possa ler? Talvez! Era conveniente dar uma vista de olhos por todos os que se encontram na Redacção a não ser que tenham sido deitados no caixote dos papéis, o que seria de lamentar! Digo isto porque já li alguns que para aí foram mandados que nada têm de «religiosos»... e não têm aparecido, que eu tenha visto!...

Bem, por hoje basta. Queremos um «Novo Fanguero», cada vez melhor e mais lido por toda a gente para que possa ter cada vez mais e mais assinantes...

Um abraço amigo:

DA TORRE

P.S. — Peço desculpa pela maneira como vai escrita mas foi um pouco à pressa.

★

A propósito desta carta, lembramos uma conversa que tivemos com o signatário, ocorrida anos atrás, enquanto assistíamos a um jogo de futebol. Dizía-nos o Joaquim Neves; «Sabe, o seu jornal é chocho. Não agride, não ataca ninguém, não é duro». Ripostámos-lhe: «Se fôssemos enveredar por esse caminho as pessoas visadas sentiam-se e zangavam-se embora meio mundo se risse. Optámos antes por um jornal pedagógico que aconselhe».

Ora, no número do mês de Março, «O Novo Fanguero» publicava a toda a largura da primeira página a fotografia de um dos carros alegóricos do Cortejo Carnavalesco. Pensou-se que era uma alusão à actividade e ao estatuto do actual Administrador da Santa Casa. foi uma charge carregada de fina ironia. Foi um momento de fulgor do génio humorístico fanguero. As legendas estavam inseparáveis.

Pelos vistos Joaquim Neves sentiu-se ofendido. Ninguém melindrava a sua honra nem o seu mérito. Mas ele não soube rir. Não soube ver que o seu cargo dá poder e proveito e por isso desperta o humor dos cretinos, pelo menos.

Faltou-lhe fair-play e então escolheu um alvo somente, «O Novo Fanguero» a quem dedicou uma carta, muito simpática, é verdade, mas a esmurrar ódio por todas as bandas.

Dados os antecedentes, o leitor que a julgue.

INAUGURAÇÃO DO QUARTEL DA G.N.R. DE ESPOSENDE

Com a presença do Ministro da Administração Interna, dr. Manuel Pereira, realizou-se em 2 de Maio p.p., a inauguração do renovado quartel da GNR de Esposende.

O agora recuperado imóvel já funcionou como Escola Conde Ferreira até 1904, passando depois a servir de residência paroquial. Nela habitou pela primeira vez o P.e Américo Nilo que nós conhecemos ainda na Póvoa de Varzim. A partir de 1913, passou de novo à posse do Estado para fazer instalar nele uma força da Guarda Nacional Republicana.

Desde o ano passado que ali se vinham efectuando obras que atingiram os 35 mil contos. De salientar que a fachada ficou com a sua primitiva traça, de finais do século passado. Possui presentemente rés-do-chão e primeiro andar.

Presentes à cerimónia o 2.º Comandante da GNR, Brigadeiro Godinho; o Governador Civil de Braga; o Comandante do Batalhão n.º 4 da GNR do Porto, Coronel Fernando Augusto Gomes; o Presidente da Câmara de Esposende, Alberto Figueiredo e muito povo.

No uso da palavra o Presidente da Câmara chamou a atenção do Ministro para a necessidade de aumentar os efectivos, sobretudo na época balnear. Em resposta, o Ministro prometeu que o assunto iria ser estudado juntamente com o Comandante da GNR. Discursou ainda o Comandante do Batalhão n.º 4 que incitou os seus comandados a bem servirem as populações.

Monsenhor Baptista de Sousa procedeu à bênção do edifício. No final das cerimónias, seguiu-se uma visita às instalações por parte das pessoas que estavam a assistir.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarinho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
Florinda Almeida

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

Eng. Oliveira Martins

A Ordem dos Engenheiros realiza no próximo dia 22 de Junho um jantar de homenagem, no Casino da Póvoa de Varzim, ao eng. João Maria Oliveira Martins.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suítes e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande «Chaîne des Rôtisseurs»; bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badminton, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Últimos resultados: Cabreiros, 0 - Fão, 4; Fão, 3 - Negreiros, 1; Gandra, 0 - Fão, 0; Fão, 2 - Roriz, 1; Fão, 4 - Louro, 1.

A duas jornadas do fim, o C. F. de Fão está no primeiro lugar isolado. Após as derrotas do Gandra e do Apúlia na jornada anterior, os dois mais directos adversários estão agora a três pontos da nossa equipa. Portanto, a subida à primeira regional está quase garantida. Basta que a equipa ganhe apenas um ponto nos dois jogos que tem de disputar. O regulamento determina que nas três séries subam os primeiros, os segundos e os dois terceiros mais pontuados: mas não acreditamos que a equipa perca qualquer dos jogos que tem para disputar, quer com o Necessidades fora, quer com o Apúlia em casa. Portanto pensamos que o Fão subirá com todo o mérito como primeiro classificado.

Como vimos afirmando desde o início, e ao apreciarmos os adversários de jogo para jogo, com o respeito que a todos é devido, não temos dúvidas em afirmar que o Fão é a melhor equipa desta série, apesar dos jogos menos bons, sobretudo os que realizamos com as equipas vizinhas. O último jogo Gandra-Fão, por exemplo, foi um prélio nada condizente com a classificação de ambos. Não estava em causa o resultado mas o pouco futebol que se jogou. Temos que dizer que o Gandra era a equipa que nos pareceu menos conformada com o empate porque, se ganhasse, passaria para o primeiro lugar. Jogando em casa era essa a sua obrigação, enquanto que o Fão, não perdendo, manteria o primeiro lugar. Comparando este jogo com o que a nossa equipa realizou depois com o Louro, verificou-se que foi mero acidente de percurso.

Para o próximo número vamos contar-lhes como foi a festa da subida.

Última hora: No jogo disputado nas Necessidades o Fão venceu por uma bola a zero, o que lhe dá a garantia do primeiro lugar. Houve festa rija no campo e na terra. O carro do Presidente Aníbal Soares serviu de transporte aos festeiros. Formou-se numeroso cortejo com gente a pé e de carro. Todo o mundo veio para a rua e para as janelas. Agora é preciso pensar no futuro.

ESPOSENDE NA 2.ª DIVISÃO NACIONAL

À sexta foi de vez: o Esposende subiu à Segunda Divisão. Naturalmente o concelho deitou foguetes e dizemos concelho porque a Associação Desportiva de Esposende não é o clube da vila concelhia mas do concelho e do seu termo. É assim a modos de um Gil Vicente para o Concelho de Barcelos ou de um Sporting de Braga para o concelho ou até distrito bracarense. Quer queiram quer não, é assim que a coisa tem que ser vista.

É a gente de fão tem que ver o fenómeno desportivo por este prisma. Longe vão os tempos em que a gente se esfarrapava toda para ganhar aos de Esposende e eles a nós. Era tudo moçada da casa e quando se dizia Esposende Sport Club ou C. F. de Fão era tudo da nossa rua ou das ruas vizinhas. Mudam-se os tempos, mudam-se os usos e os costumes. Agora um clube de futebol é a expressão da capacidade económica de uma terra e quer os nossos amigos do Forum queiram ou não, Es-

posende (vila) deu um salto espectacular nestes últimos anos e pôs-se a milhas de distância das demais freguesias. Fão no século passado era a freguesia mais desenvolvida do concelho. Hoje não o é muito menos se poderá comparar a Esposende. Obviamente o seu potencial económico é diferente e as equipas de futebol traduzem essa diferença. A partir daí a Associação Desportiva de Esposende assumiu-se como a equipa do concelho e é assim que ela tem de ser vista.

E agora? Agora as freguesias do concelho devem dar-se as mãos e conseguir aguentar, com a Câmara à frente, a Associação Desportiva na 2.ª Divisão. Vai ser preciso relvar o campo, arranjar um suplementar, contratar novos jogadores, mas nós estamos convencidos que com a ajuda e a união de todos esses objectivos vão ser totalmente atingidos.

15.º ANIVERSÁRIO DO ÁGUIAS DE SERPA PINTO

É com muita satisfação que voltamos a falar desta popular colectividade. Vai comemorar 15 anos de existência e durante todo este tempo tem sabido representar condignamente o futebol genuinamente fangueiro e puramente amador.

Em todos os torneios populares em que tem participado, dentro e fora do concelho, não foram poucas as vezes em que obtiveram o primeiro lugar, deixando o nome de Fão bem vincado. Em alguns jogos desses torneios, a que assistimos, ouvimos frases como: «Fão tem uma equipa muito boa», esquecendo-se que se tratava de um grupo não federado, popular, portanto.

Outra nota de realce justa para os Águias de Serpa Pinto é que tem no seu elenco directivo elementos que actuaram condignamente como directores do C. F. de Fão, em alturas de crise directiva. Não se devem esquecer também muitos atletas que em determinadas épocas compunham quase na totalidade a equipa do Clube de Fão. Tempos difíceis em que não houve grandes feitos mas que o futebol era praticado por jovens da terra.

Já que o Águias está em festa, que melhor prenda lhes poderia dar a autarquia que o terreno do paul arranjado para a prática do futebol, evitando-lhes o incómodo de terem que bater à porta de outros para poderem realizar os seus jogos?

Esperamos não errar, pensando que isso não irá prejudicar um possível complexo desportivo falado para essa área.

Junto ao hotel do Pinhal também se fez um campo de futebol para veteranos e nem por isso se adulterou a zona de paisagem protegida.

Desejamos as maiores felicidades ao Águias de Serpa Pinto.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO

CARTAS AO DIRECTOR

Prezado amigo Sr. Armando Saraiva:

Permita que me dirija a si através da secção «Cartas ao Director» do «Novo Fangueiro», que aliás, é do pouco que costume ler, pois pouco mais há para tal, infelizmente.

Há vários números, deixe que lhe diga, que era para lhe ter escrito, por não achar quase nada de útil ou interessante para ler no nosso jornal.

Assim e para não ser demasiado longo, vou cingir-me apenas ao último número que me chegou às mãos através de um amigo.

Na 1.ª página, que vemos? Bonecos e nada mais. Na 2.ª — Miquinhas Turra — pelo nome e pelo grande interesse que suscita, se ela pudesse pegar numa pá do forno como a padeira de Aljubarrota, daria umas quantas e bem dadas ainda que fosse a matar! Na pág. 3.ª — qualquer coisa que se pode ler de «Quim de Fão». Sempre são coisas da terra! A pág. 4, a quem interessa? A pág. 5 PÁGINA JOVEM — Jovem, só de nome... não seria melhor pôr antes: «Página de Idosos». Vejamos: três ou quatro anedotas, que para fazerem rir os jovens só com cócegas! Uma poesia e pouco mais... ainda bem que já acabou a Entrevista à FAOJ! Pergunto: Que interesse tem isso para os jovens? E numa terra onde há tantos e tão carecidos de formação ou de coisas que os atraia. Assuntos sobre Droga, Prostituição, Más companhias, Relação com os Pais e Superiores, enfim, assuntos que lhes chamassem a atenção e até os levassem a participarem nessa mesma página... que tristeza!

Pág. 6 e 7, nada de interesse, a não ser para os desses pequenos povoados. Pág. 8, nada de chamativo. O que traz até os cegos sabem. Nem uma linha de interesse! Pág. 9, 10 e 11, alguém as lerá? Talvez, nem os pobres dos agricultores! Pág. 12 e última, tem alguma coisa que se poderá ler. E é tudo. Não será pouco demais? Que lhe parece? Eu nem duvido.

Nem um artigo de Fundo, com interesse! E as pessoas gostariam de tal. Vejamos só, como prova do que digo, o artigo sobre «Francisco, o Pobrezinho» saído no número 65, como foi lido para além Atlântico e como lhe souberam agradecer por tal ter acontecido. É que o bom nunca fez mal a ninguém.

Já agora e a propósito desse artigo, segundo me consta não foi o que para aí mandou o autor, não compreendo bem a razão aduzido nesse número que rezava assim textualmente: «Um leitor de «O Novo Fangueiro» sugeriu ao Director deste jornal, a publicação de um artigo sobre S. Francisco de Assis, cuja festa se celebra no dia 4 de Outubro. Dado que um artigo de carácter religioso transcenderia a índole deste jornal, tentar-se-á apenas falar um pouco de Francisco de Assis como Homem, que embora à distância de sete séculos, também fez parte deste mundo em que vivemos». Isto é mesmo de pasmar! Li os dois artigos em causa e não só eu... Pois, digo-lhe que o artigo publicado era de carácter «muito mais religioso» que o que para aí foi mandado. Disso não há dúvida nenhuma e quem duvidar ou é cego ou então... quer queiram ou não mas tais assuntos, creio, nunca deviam faltar nunca no nosso jornal!

Amigo: muito mais haveria para dizer mas por hoje, fico por aqui. O que escrevi foi apenas porque espero sempre o melhor para o nosso jornal, senão, não o faria. Não pretende levantar polémicas... mas que o jornal, sobretudo nos últimos números tem sido de uma pobreza franciscana, lá isso tem! Saibamos ouvir tudo o que nos dizem e procurar pôr em prática o que de bom pretendem os leitores (e não apenas meia dúzia!).

Nunca nos convençamos que só nós é que sabemos. O P.e Zezinho dizia: «Muito faz quem não estorva ou quem atrapalha pouco» e eu diria: «Aquele que julga saber tudo não sabe nada ou sabe muito pouco».

(Continua na pág. 11)